



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – site: <http://www.sed.sc.gov.br>
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO - e-mail: imprensa@sed.sc.gov.br; Contato: 3221 6161

CLIPPING

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

21/03/2012



Veículo:	Notícias do Dia	
Editoria:	Paulo Alceu	Data: 21/3/2012
Assunto:	Pronacampo	Pág: 2

Educação no campo
O deputado federal Rogério Peninha Mendonça (PMDB) participou, ontem em Brasília, do lançamento do Pronacampo (Programa Nacional de Educação do Campo). A ideia do governo federal é dar suporte técnico e financeiro aos Estados e municípios para amenizar índices preocupantes no interior do país – segundo o IBGE, 23% dos brasileiros que vivem nas áreas rurais são analfabetos. A cerimônia teve a participação da presidenta Dilma Rousseff e do ministro da Educação, Aloizio Mercadante. De acordo com o ministro, 90,1% das escolas no campo ainda não têm Internet, 15% não dispõem de energia elétrica, 14,% não contam com esgoto sanitário e 10,4% sequer têm água potável para os alunos beberem.



Veículo:	Diário Catatinense	Data:	21/3/2012
Editoria:	Roberto Azevedo	Pág:	10
Assunto:	Urânia		

Mais uma

O juiz Luiz Antonio Fornerolli, da Fazenda Pública da Capital, concedeu liminar à ação civil pública que questiona a contratação da empresa Geah, com dispensa de licitação, para as licenças do software Urânia de gestão escolar pela Secretaria Estadual de Educação.

O magistrado suspendeu o contrato e tornou indisponíveis os bens do ex-secretário Marco Tebaldi, de Raul Bergson e da Geah até o valor de R\$ 1, 105 milhão.

O problema

O fato foi denunciado pelo deputado Jailson Lima (PT) porque o empenho para pagamento do contrato, feito no dia 14 de fevereiro último, foi pago já no dia 17 de fevereiro.

Jailson sustenta que existem empresas catarinenses em condições de fornecer produto semelhante. A Secretaria da Educação afirmou que optou pelo produto após testar outros similares, e que o Urânia funcionava em 192 escolas da rede pública, pago pelas APPs, com bons resultados.



Veículo:	Notícias do Dia	Data:	21/3/2012
Editoria:	Região	Pág:	15
Assunto:	Vale-transporte		

Alunos têm carona da Paulotur

Educação. Estudantes não receberam passes e dependem da empresa para ir à escola

ALESSANDRA OLIVEIRA
alessandraol@noticiasdodia.com.br
 @alessandra_ND

PALHOÇA — Estudantes da Escola Estadual Padre Vicente Ferreira Cordeiro, na Pinheira, em Palhoça, ainda não receberam o vale-transporte. Enquanto a burocracia atrasa a entrega, os alunos se viram como podem para chegar à escola. Para evitar a evasão o jeito encontrado pela direção foi pedir carona para a empresa Paulotur, até que a situação se normalize.

“Prefiro buscar e pegar na porta. Não acho seguro deixá-los neste esquema de carona”, desabafou o técnico em mecânica, Ademir Nelson Marques, 36 anos. O morador da Guarda do Embaú tem transportado diariamente os filhos Gabriel, 10, Gabriela, 11, e a sobrinha Eduarda Pereira, 13. “Este não é o procedimento correto. Ainda bem que tenho um

carro quem dá para realizar esta tarefa”, disse.

A dona de casa Marli dos Santos, 48, espera em casa pela filha Cláudia dos Santos, 15. A estudante da 8ª série diz que é uma das que mora mais perto da escola. “Não gosto da ideia da carona. Acredito que os passes devam ser entregues aos estudantes o mais breve possível”, defende a mãe.

O estudante da 8ª série, José Matheus Rosa, 13, desce na Estrada Geral do Albardão e caminha por mais de dois quilômetros até sua casa. “Quando posso vou buscá-lo de moto”, disse o pai do aluno, José Antonio Rosa, 43. Ele lamenta que tenha de pagar a passagem para o filho em alguns dias. “Se a prefeitura sabe que tem de pedir os passes porque que demora tanto?” questiona.

Diretora usa passes escolares de 2011

Ana Maria Silva, diretora da EE Padre Vicente Ferreira Cordeiro, afirma que os cadastros com os nomes dos alunos que precisam de transporte escolar foi enviado à prefeitura que repassa a Gerei (Gerência Regional de Educação). “Quando recebermos os passes recompensaremos a Paulotur”, explicou. Até a última semana ela usava os passes restantes de 2011.

A gerente de transporte da Secretaria de Educação de Palhoça, Andréia Kloppel, contesta e diz que tem apenas 62 inscritos. “Faltam muitos nomes, porque mais da metade dos 780 alunos usam o transporte coletivo”, rebateu sobre a informação dada pela diretora. Andréia ressaltou que das 14 escolas de Palhoça apenas nove mandaram os cadastros.

Cadastro incompleto. Secretaria de Educação de Palhoça diz que nove das 14 escolas estaduais do município enviaram a relação completa dos alunos que precisam de passe escolar

Secretaria pede mais organização

O coordenador de transportes da Secretaria de Educação do Estado, Ademir Ribeiro, defende que as prefeituras se organizem para ao início de cada ano letivo essa situação não seja enfrentada pelos alunos. “Precisamos saber quanto gastaremos de transporte para enviar os recursos às prefeituras”, diz sobre o repasse que é feito em dez parcelas. “Temos até o dia 31 de março

para repassarmos a primeira parcela aos municípios”, esclareceu. Ribeiro acredita que até sexta-feira os valores estejam fechados e a situação seja normalizada.

O diretor da Paulotur, Juarez Nienkotter está tranquilo quanto ao ressarcimento. “Todo ano passamos por isso. Os diretores das escolas nos dão os passes depois”, disse, lembrando que o acordo informal.



Veículo:	A Notícia	
Editoria:	AN.joinville	Data: 21/3/2012
Assunto:	Salas modulares rede municipal Joinville	Pág: 6

Salas modulares na rede

Previsão é de 12 unidades temporárias para alunos de Joinville

GISELE KRAMA
gisele.krama@an.com.br

A Secretaria Municipal de Educação está com uma nova aposta para minimizar o problema de remanejamento de alunos quando há obras nas escolas ou excesso de estudantes. A ideia é comprar salas de aula modulares, que podem ser montadas e desmontadas em unidades escolares diferentes. “As salas serão usadas como apoio provisório”, afirma o secretário Marcos Fernandes. A Prefeitura espera usar a estruturas quando escolas passarem por reformas e alunos precisarem ser deslocados. A iniciativa já existe em cidades do interior de São Paulo e até em Guaramirim e Jaraguá do Sul.

Além de ter o diferencial de deslocamento mais rápido e montagem e desmontagem ágil, o empreendimento também é mais barato. O secretário garante que uma sala de aula modular custa até metade do preço de uma sala de aula convencional.

Das 12 salas que devem ser compradas, duas devem ir para uma das escolas do bairro Boehmerwald que passará por ampliação. Outras serão encaminhadas para a escola Nilson Bender, no Paranaguamirim, enquanto a unidade estiver em ampliação. A instituição é a única da rede municipal a ainda manter o turno intermediário. As 12 salas de aula modulares vão custar R\$ 467.760,00.

COMO É FEITA A SALA MODULAR

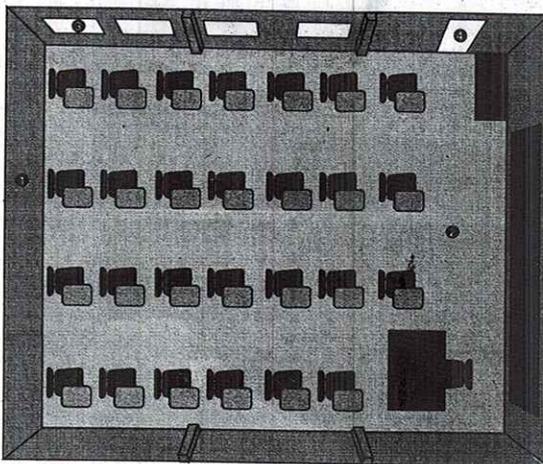
● **Paredes:** painel cimentado com palha de madeira. A estrutura é anti-inseto e as pessoas não vêem emendas. Também não apodrece.

● **Piso:** estrutura metálica com uma chapa superior de compensado naval, normalmente usada no chão de caminhões. É recoberto com uma manta de vinil, usada em quadras de esportes e hospitais.

● **Janelas:** de alumínio.

● **Portas:** de madeira.

Telhado: sanduíche de fibra de vidro e isolamento térmico. É a mesma tecnologia usada em baú de carga frigorífico.



A proposta está em análise, segundo Marcos Fernandes, há um ano e meio e agora está perto de sair do papel. Depois de um primeiro edital ter sido cancelado, uma empresa de Guaramirim fornecerá as es-

truturas. A Polibox Sistemas Construtivos terá três meses a partir de abril para entregar as salas.

Solução não pode ser definitiva

Três salas modulares foram instaladas no CEI Mamãe Gansa, em Guaramirim, em 2011. A estrutura ajudou a dar fôlego para receber os alunos da primeira série que passaram a ser atendidos na unidade. Na opinião da diretora, Daiane Girardi Claudino, este tipo de sala é bom para resolver emergências, mas não se compara às estruturas de concreto.

Segundo ela, as modulares exigem mais manutenção do que

uma estrutura convencional. A diretora lembrou que depois de um ano apareceram goteira, a pintura desgastou e as portas cederam. Em contrapartida, a manutenção também foi rápida. Como não foram construídas salas de concreto, não há previsão de as salas modulares deixarem o CEI.

Também em Guaramirim, na Escola Professor Dorvalino Felipe, cinco salas modulares (quatro para aulas e uma para a biblioteca)

foram instaladas no ano passado. Segundo o diretor, Rodrigo da Silva, como uma solução rápida este tipo de sala é satisfatório. “Talvez não seja a mais ideal, mas é uma coisa rápida”, comenta.

As salas também apresentaram goteiras, mas os problemas são solucionados rapidamente. “Não chega a atrapalhar o trabalho com os alunos”, afirma. Nesta escola também não há previsão para construção de salas definitivas.

Vantagem está na rapidez da montagem

Segundo o engenheiro da unidade de obras da Secretaria de Infraestrutura, Emerson Luiz Paganini, o telhado poderá ser de fibra de vidro ou plástico, mas com isolamento térmico e acústico. Já as paredes são de uma palha especial, também com isolantes. O benefício fica com o tempo de montagem. Enquanto a construção de 12 salas de aula pode durar

prontas em uma semana. “A empresa tem que fazer uma fundação rasa e com guindaste coloca o telhado”, destaca.

O material já vem pronto e agiliza processo enquanto uma construção convencional fica refém do tempo. Outros benefícios, segundo o engenheiro, é a proteção que a fibra de vidro dá. Ele defende dos raios ultravioletas e até

Segundo o dono da empresa Polibox, André Stoinski, cada sala terá seis metros de largura por 7 de comprimento e capacidade para 27 estudantes. André explicou que a sala pode ficar em média dois anos em cada escola e que todo o material pode ser reaproveitado numa transferência de escola. Ele comentou que este tipo de sala comum no exterior. “Na Califórnia